

NOSSOS MESTRES

Quixote das salas de aula

Retirante do sertão alagoano, Francisco Feitoza superou o analfabetismo e a pobreza para se tornar um dos mais celebrados da primeira geração de professores de Brasília

» MARIANA NIEDERAUER

"A cidade é minha." Longe de ser arrogante ou egoísta, a frase do professor Francisco Alves Feitoza, 81 anos, é um reconhecimento às gerações de estudantes que ajudou a formar, em aulas de língua portuguesa e de literatura que grande parte deles guarda na memória até hoje. De artistas a juizes, uma legião — e até a própria banda de rock da capital — passou pelas salas de aula desse fã de Dom Quixote que se tornou, ele também, um viajante do universo literário.

Nascido em 17 de março de 1944, no sertão alagoano, aos 10 anos mudou-se para Penápolis (SP). Após dois anos de seca e com a morte do pai, a mãe, Lindaura Alves de Sá, partiu com os 11 filhos para o Sudeste do país. Chegou à cidade grande "analfabetíssimo", como conta. "Só sabia ler as pedras do agreste, que era o que eu usava para encantar minhas professoras lá de São Paulo."

Francisco é o filho do meio, o sexto. "Tem cinco mais velhos e cinco mais novos", reforça. Antes de firmar raízes em Penápolis, a família passou pela capital paulista. Era época das celebrações dos 400 anos de São Paulo. A metrópole espantou o menino, que ainda não sabia a surpresa que o aguardava dentro da sala de aula. "Antes de ser professor, a gente é aluno. Aliás, aluno a gente é sempre", destaca, para em seguida começar a contar a história sobre a própria trajetória escolar.

Também faz questão de ressaltar aquilo que, para ele, é o foco do fazer pedagógico. "Dar aula é uma questão de provocar nos outros encantamento. Quem não consegue encantar, não consegue ensinar, e o que encanta as pessoas é a descoberta. Aquele estalo em que a pessoa descobre que ela já tem tudo de que precisa. Ensinar é só lembrá-las disso."

O mundo das letras

A primeira lição de encantamento que Feitoza teve na vida foi aprender a ler. "Eu ficava igual a um bobo lendo as placas da rua. E achava isso uma maravilha. Era igual o cego que via pela primeira vez: encantamento."

Além do encantamento, veio a vontade de aprender mais e mais. "Eu queria saber o que aquelas pessoas faziam para ter boas casas, boas roupas, dormir até mais tarde", elenca. "Para mim, tudo era espanto. Tudo

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Com a estátua de Dom Quixote ao fundo, um de seus xodós, Francisco celebra o encantamento que o ato de ensinar provoca

era mágico. Então, logo que eu aprendi a passar para o papel as primeiras letras, eu contava as histórias que um menino que vive no sertão aos 10 anos já sabe: conhecer as cobras todas, conhecer briga de aranha com caranguejo", conta, aos risos.

"Eu era sabido. Colocava minhas histórias, as minhas façanhas — correndo atrás de cobra, vendo como é que as cobras fazem para encantar os passarinhos e pegá-los — nas minhas redações. Eu era caprichoso, letra bonita. As professoras achavam aquilo bonitinho e saíam comigo mostrando de sala em sala", orgulha-se.

Quando chegou à quarta série, o caminho natural seria deixar os estudos para trabalhar e ajudar no sustento da família. Mas a conexão que havia construído com as professoras ajudou a não desistir da escola, mesmo sob protesto dos irmãos, que achavam aquilo tudo perda de tempo e arrogância.

"As professoras não me deixaram desistir", relata. "Naquele tempo, havia a admissão ao ginásio. Depois da quarta série, eram quatro anos, e era preciso fazer admissão,

porque não havia vaga para todo mundo. Estudar era algo muito elitizado. As professoras, então, me compraram o livro de admissão ao ginásio, com as matérias todas, e diziam: 'Se você precisar, você vem aqui que eu te dou aula'", recorda-se.

Francisco aceitou a ajuda e fez um trato com os irmãos: ele trabalharia e cumpriria com as obrigações em casa, mas não deixaria os estudos. Dito e feito: das 50 vagas disponíveis para 300 candidatos, ele garantiu uma. Houve até um certo toque do destino, pois foi a primeira turma de ginásio noturno da cidade, o que permitiu manter o emprego durante o dia. Adolescente, fazia entregas de bicicleta para um casal de empresários de ascendência japonesa, dono de uma quitanda em Penápolis.

"Foi outro pessoal que me deu estrutura de família. Em casa, ninguém me cobrava nada, não, mas esses japoneses aí me cobravam!", relembra Feitoza. "Eles gostavam muito de mim. A senhora me dizia que eu ia ser *daigaku no sensei*: professor universitário."

E quase acertou. Ao longo da carreira, Feitoza especializou-se em análise e

interpretação de texto e em literatura brasileira, e de fato virou professor, no ensino médio. Para encerrar o ciclo básico da educação, optou, depois do ginásio, por cursar o clássico, trajetória escolhida por quem se identifica mais com as ciências humanas.

Destino em Brasília

O próximo capítulo da história de Francisco começa com mais uma mudança, a definitiva. "Surgiu aqui uma coisa sagrada chamada UnB, com a missão de ser a escola de quem não tinha nem camisa para vestir. E eu vim fazer o vestibular aqui", detalha o professor.

Ao terminar o curso clássico, Francisco teve como paraninfo da turma o então deputado federal Mário Covas. "O prêmio que ele deu para nós da turma foi um voo da FAB (Força Aérea Brasileira) para vir aqui conhecer a UnB. Eu vim e vi. Achei isso aqui com uma cara daquele fim de mundo, sabe? E era mesmo. A Asa Norte não tinha prédio, não tinha nada."

Com uma concorrência de um e meio